

# HIROSHIMA

Manoel de Andrade



Hiroshima, Hiroshima  
rosa rubra do oriente  
fragrância de cerejeira  
céu de anil no sol nascente.

Farol de luz no estuário  
remanso dos vendavais  
porto e escala dos juncos  
roteiro dos samurais.

Verão de quarenta e cinco  
no dia seis de agosto.  
Clareando as águas do delta  
a aurora beija o teu rosto.

Surge o Sol, se abre o dia  
na luz e no movimento.  
Tudo era paz e alegria

e nenhum pressentimento.

Teus colibris revoavam  
no fresco azul dos teus ares  
eram os casais, eram os ninhos  
carícias, trino e cantares.

O arroz na água e na espiga  
talo e seiva a palpitar  
os rosais desabrochando  
e os girassóis a girar.

Vidas... teu rosto eram vidas  
nos campos e nos quintais  
nos jardins, na verde relva  
na algazarra dos pardais.

Folgedos, danças, cantigas  
tua infância sem receios  
teus escolares em flor  
correndo pelos recreios.

As horas cruzavam o dia  
os pais e os filhos na praça  
o povo cruzava as ruas  
cruzava o céu a desgraça.

De repente nos teus ares  
a águia do norte, o falcão  
e num segundo, em teus lares,  
gritos, fogo, turbilhão.

O beijo carbonizando  
a luz devorando o dia  
a carne viva queimando  
na instantânea agonia.

No céu... um avião se afasta  
na voz... a missão cumprida  
no chão... a dor que se arrasta  
e a cidade destruída.

Quem eras tu, Hiroshima  
naquele dia distante...?  
Eras sonhos e esperanças  
incendiados num instante...

Quantos projetos de vida  
mil sonhos acalentados  
quantas mil juras de amor  
nos lábios dos namorados.

Eras filhote no ninho  
eras fruto no pomar  
canteiro de brancas rosas  
e toda a vida a cantar.

Eras mãe, eras criança  
e no útero eras semente  
ontem eras a esperança  
e agora o braseiro ardente

Por que Hiroshima, por quê...?  
o punhal de fogo, a explosão...?  
Por que cem mil corações  
ardendo sem compaixão...?

Tua inocência cremada  
na fogueira do delírio.  
Tua imagem retratada  
na estampa do martírio.

Teu sangue vive na história  
nas cicatrizes ardentes  
nas lágrimas, na memória  
na dor dos sobreviventes.

Quem previu tua agonia?  
Quem explodiu tua paz?  
Quem tatuou nos teus lábios  
as palavras: nunca mais!?

Comandantes, comandados...  
quem são os donos da guerra...?  
e em que tribunal se julgam,  
os genocídios da Terra...?

Por tanta dor, rogo a Deus  
na minha prece tardia  
que guarde no seu amor  
os mártires daquele dia.

Hiroshima, flor da vida,  
semente, ressurreição.

Fênix, face renascida.  
PAZ, santuário, canção.

Curitiba, julho de 2005.

Este poema consta do livro *CANTARES*, editado por Escrituras